

SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SECULO



Dirétor: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Limit.ª

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SECULO, 43 — LISBOA

# PAX

«O allados preparam-se para  
mais dois ou tres anos de guerra».

(Dos jornaes).



A. CONDOMB

— Cheguei tarde. Estão já todos reconciliados.

## PALESTRA AMENA

## A's escuras

O guarda noturno da nossa rua passou a ser agora a pessoa mais notavel do bairro; ha tres ou quatro dias para cá é tratado com o respeito que se deve ás grandes personalidades, politicos, sabios, milionarios...

Ainda a semana passada era individuo de somenos importancia; todos o tratavam com sobrançeria, como quem manda com má educação um criado. Batiam-se ás palmas, noite velha, ao recolher a casa e se o guarda noturno não aparecia logo, se não estava ali á mão de semear, eram de ouvir as descomposturas com que o mimoseavam:

—A dormir, hein?

—E para isto dou eu um tostão por mez!

—Bonito serviço!

—Assim é melhor não ter guarda noturno...

Então essa chave entra ou não entra?

Etc.

Mas agora, é como se vai ler:

—Tenha a bondade de me vir abrir a porta, senhor guarda noturno?

Ele:

—Espere, se quiser.

—Peço desculpa de bater as palmas tanta vez... Provavelmente v. ex.<sup>a</sup> estava entretido...

Ele:

—Estava, sim, senhor; tenho um *ourela* ali á esquina. Talvez quizesse que eu largasse a correr? Ora o empate!

A razão d'esta reviravolta, que não é, afinal, senão uma tardia compreensão dos deveres de cada um, todos estão a ver qual é: o facto do sr. guarda noturno trazer lanterna na barriga, unica luz que se loriga na profunda escuridão d'estas noites de maio, a que a ex.<sup>ma</sup> Companhia do Gaz nos reduziu.

—Não tenho carvão, diz ela.

Não tem, está claro—ou antes—está escuro. Está desculpada e tanto mais que, se o não tem, é porque o bom coração da Companhia não lhe permitiu que deixasse ás escuras os becões onde ninguém passa, as longas alamedas desertas dos arredores de Lisboa, etc.

Andou muito bem e nada mais justo do que todos os que pagavam vento por gaz sofrerem as consequências de actos que não foram senão de louvavel benemerencia.

Pela nossa parte, se algumas palavras desagradaveis alguma vez escrevemos que a pudessem melindrar, aqui as retiramos contritos, não vá ella ainda por cima disparar contra nós, conforme ameaça pelo seu ultimo aviso publicado em tipo garrafal em todos os jornaes: *é perigoso abrir as torneiras dos contadores*. Que, no fim de contas, não nos veiu dar nenhuma novidade; foi sempre um perigo abrir as torneiras, com a diferença de que a Companhia não tinha chegado á franqueza de o confessar e de que estavamos já tão habituados ao perigo, que nem por ele davamos.

Mas, voltando ao nosso guarda noturno. E' quem nos vale, quem vale á moral publica, aos bons costumes, á boa ordem da cidade desde a meia noite ao nascer do sol. E' com o guarda noturno que os paes de familia se entendem, para que de quando em quando faça incidir a luz da lanterna sobre a porta da casa onde a menina fala com o namorado; é a ele que se recorre quando inesperadamente se nos acabam os fosforos e se tem o cigarro apagado; é ele que evita, intervindo a tempo, com um raio luminoso, o assalto ás algebras do transeunte notivago.

Tantos serviços—e não enumeramos a centesima parte—já se vê que tem de ser remunerados condignamente e não é a miseria de um tostão que os paga. Por nós, não regatearemos outro tostão, muito embora cá no intimo julgemos que havia meio de remediar este estado de coisas sem o estabelecimento de novo monopolio—e esse seria o aproveitar-se agora, que tão necessarias são, as luzes do sr. Leote do Rego, tantas vezes empregadas em vão.

E' uma idéa e crêmos traduzir um geral desejo lançando-a á publicidade e gritando com todas as forças:

—Venha o holofote!

J. Neutral.

## Inveja

No congresso de Sevilha debateram-se assuntos interessantissimos, como: a identidade das curvas de Persen e Liebech; o emprego das escalas graficas inventadas por Lopez Soler; calculo das probabilidades; quadrilatero topografico; a intervenção da Hespanha na fórma da terra; observação de me-



ridianos; manchas solares; a necessidade de um observatorio subterraneo; a descoberta de uma ilha ao norte do mar de Kara; as correntes atmosfericas e a sua relação com os cometas; varios trabalhos de investigações historicas, filologicas e filosoficas; cura da tuberculose pelo ar quente; o problema florestal; o relógio sideral; calculos alternadores hydraulicos; heraldica, etc.

Tudo isto sem a intervenção do nosso Antonio Cabreira, que, como se sabe é especialista em qualquer dos assuntos expostos. Por isso tambem o pobre sabio anda por aí desesperadissimo e já resolveu, em paga de tanta ingratitude, votar ao desprezo tudo que cheira a Sevilha.

Pobres andaluzas!

## Classe que reclama

O problema das subsistencias vai-se tornando cada dia mais difficil de res-

olver, por que tem de satisfazer a todas as classes, cujos interesses nem sempre são harmonicos em conjunto.

Assim, não ha duvida de que o homem, á falta de trigo e outros cereais panificaveis, se satisfaz com bolota; o governo viu bem a questão n'esse ponto,—nem era preciso para isso ter a visão muito aguda, pois que se o homem achava excelente o pão de pau e de pez, com mais forte razão aceitará o de bolota.

Sim, mas eis que outra classe ficou prejudicada e foi a dos porcos, que na



bolota tem uma das suas principais fontes de alimentação.

Por isso uma numerosa comissão de cevados procurou hontem o sr. presidente do ministerio, expondo-lhe a precaria situação em que aqueles se encontram.

Sua ex.<sup>a</sup> ouviu com a maior paciencia os grunhidos dos reclamantes e com aquele talento de conciliação que todos lhe reconhecem, convenceu-os em poucas palavras de que antes deviam regosijar-se do que lamentar a sua porquissima sorte.

Eis um trecho do dialogo que o nosso informador conseguiu obter:

—De que se queixam?

—Da falta de bolota.

—Vocês são burros.

—Não senhor, somos porcos.

—São porcos e burros. Oçam lá: para que querem a bolota?

—Para engordar.

—Isso mesmo. E para que se engordam? para ser transformados em chouriços, costeletas, etc.

—E' verdade.

—Ora, faltando-lhes a bolota, emagrecem; e emagrecendo não os matam.

Grande homem,

## Resigna ou não?

As ultimas noticias dão como não resignatario o reverendo patriarca D. Antonio Mendes Belo, que primeiramente, ao que se dizia, estava disposto a resignar.

E' claro que a resignação de sua excellencia causaria uma enorme perturbação na marcha dos negocios publicos; assoberbados com a crise das subsistencias, ainda por cima haviamos de sofrer o desgosto da resignação do reverendo patriarca?

Não! seria muita calamidade para um paiz.

Escritas estas linhas, chega-nos aos ouvidos o boato de que sua excellencia está outra vez inclinado á resignação.

Pois resigne, com tresentos mil dias!

## A taça

A ultima partida do nosso kaiser foi aquela de oferecer a certa fabrica de automoveis uma taça de pechisbeque, como se fosse de banha de cheiro.

«Este caso tem despertado grande hilaridade», diz um correspondente de Roma, em telegrama.

Pois não vemos motivo para risos, antes para dó, porque o acto revela evidentemente da parte do soberano um estado de espirito nada lisongeiro.

De resto, não é a primeira vez que uma taça desacredita uma cabeça coroadada e passa á posteridade como lenda mais ou menos risível, apesar da poesia de que tentam revesti-la.

Lembram-se da taça do rei de Thule? Atirou-a ao mar, o grande borra-chão, n'um momento em que a vinhaça lhe perturbava mais fortemente as faculdades. Conclusão do feito: que grande taxada!

## O humorismo portuguez na "front"

Já se sabe porque o sr. Brito Camacho partiu para França. Foi em virtude d'um pedido do nosso André Brun, que havendo tambem partido para lá declarou que, apesar da sua graça ser inesgotavel, se confessa impotente para fazer morrer de riso quatro milhões de alemães.

De metade encarregava-se ele facilmente, tanto que estando apenas no front ha duas semanas já deu cabo, por meio das piadas, duns duzentos mil boches.

Como, porém, reclamasse reforço e



não estando agora nenhum humorista portuguez paisano disponível—teem todos muito que fazer no *Seculo Comico*—alguem lembrou ao governo o sr. Brito Camacho, que se prestou amavelmente a ir coadjuvar o camara-da Brun.

Encheu umas poucas de malas com ditos de espirito e lá partiu para a offensiva da primavera.

Não duvidem: não escapa nem um alemão desta vez.

## Paz

Os srs. dr. Silvestre Marques, joven professor em Viana do Castelo, general Viriato Passalagna, professor

## EM FOCO



## Coronel Barreto do Couto

E' da policia o novo comandante. E' aprez-nos celebra-lo com delicia. Porque isto de lidar com a policia E' caso multissimo importante.

Por mim, tem-se mostrado tão galante que, se o faz a hngir, não dou noticia. Mas será no futuro assim propicia? Ninguém, tenho a certeza, m'o garante.

Assim, talvez o coronel Barreto, Em vista d'esta especie de elogio Que respectivamente lhe remeto.

Se um dia me prenderem por vadio Se lembre do retrato e do soneto E o peixe-espada seja mais macio.

BELMIRO.

Herminio do Nascimento, D. Luiz Marques e Antonio da Silva, escreveram um tratado que deve ser assinado em Berlim, depois da paz e que está sendo examinado pelos diversos chefes do Estado, tendo já o presidente da Republica de Guatamala mandado cordeais felicitações aos citados pacifistas.

Não troçaremos, como tem feito colegas serios, da simpatica iniciativa. No entanto diremos que o tratado nos parece prolixo no todo e nas suas partes: parece-nos que os 13 artigos de que ele se compõe se podiam muito bem reduzir a um, que seria o seguinte: «E' proibida a guerra».

Seria radical e evitaria observações como a que provoca o artigo 10.º do projeto, assim elaborado: «Quando qualquer nação não acate as decisões do tribunal da paz, ou por qualquer outro motivo tente atacar ou invadir outra, nação, todas as nações do mundo enviarão um ultimatum á nação agressora e irão em socorro da agredida, enviando destacamentos das suas guardas nacionais...»

Está se a vér que se as guardas nacionais forem desrespeitadas não terão remedio senão impor-se com alguns tiros de espingarda. De onde, a per-

sistir-se que o tratado tenha mais dum artigo, se conclue que ao primeiro acima aventado se pode acrescentar segundo, ficando o diploma redigido deste modo:

Artigo 1.º—E' proibida a guerra.

Art. 2.º—Se, contudo, alguma nação não cumprir o artigo 1.º, ser-lhe-ha declarada guerra.

E pronto.

## Pobre Marques!

Sabem quem está sem trabalho? E' o nosso Marques, o nosso impagavel Marques.

Ultimamente estava empregado n'um escritorio de comissões, mas como os tempos vão para economias foi despedido com outros colegas e aí anda o Marques ha tres mezes sem ter onde ganhar um bocado de pão, faminto, com o fato no fio, farto de oferecer os seus serviços pessoalmente e por anuncio a quem lh'os queira pagar.

Entre tantos amigos e conhecidos que o Marques tem—dirá o leitor—nenhum então se condoeu da sorte do pobre homem?

Condoeu, sim senhor. Um amigo d'ele, com fabrica de cortumes em Alcantara, sabendo das precarias circunstancias do Marques e tendo-o encontrado hontem na rua do Ouro, disse-lhe:

—Meu caro, não te posso prometer emprego permanente, mas como tenho a escrituração da fabrica atrasada vai por lá que eu pago-te o que combinarmos.

—Obrigado! exclamou o Marques, comovidissimo. Calha perfeitamente, porque não tenho nem um centavo na algibeira. Quando devo começar?

—Hoje, agora mesmo.

O Marques, com tristeza:

—Que pena! Agora não posso porque tenho de assistir a uma reunião de operarios sem trabalho...

## Premio Sevilla

Encerrado o congresso de ciencias que ha pouco se realisou na capital da Andaluzia, a municipalidade resolveu instituir o premio «Sevilla» destinado



ao proximo congresso, que se ha de realisar em 1917.

Os jornais não dizem em que tal premio consista, mas está-se a vér que se trata do illustre poeta conhecido por tal denominação, ou do respetivo cavallo.

Quem se habilita a abichar o poeta Sevilla?

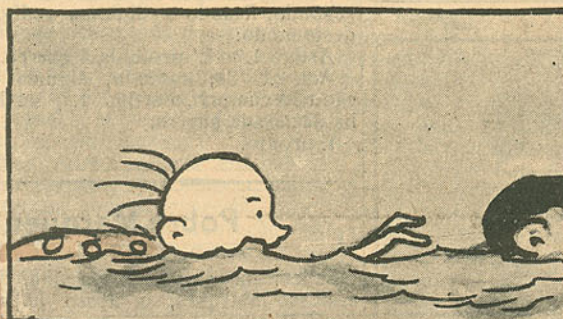
# MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

3.ª PARTE

1.º EPISODIO

## A CILADA DO MANECAS

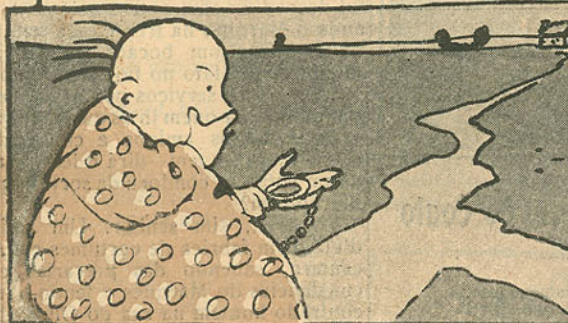
(CONTINUAÇÃO)



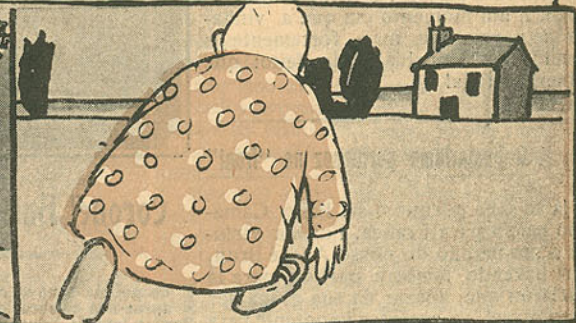
1.—Os manos tinham caído no cano central das águas que abasteciam a cidade e aí lutaram com as alterosas ondas



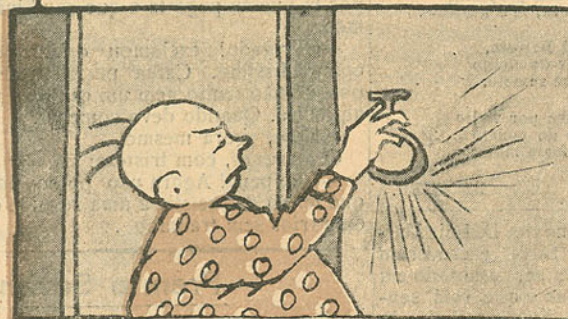
2.—até que o Manecas se salvou, porque nada como uma pescadilha.



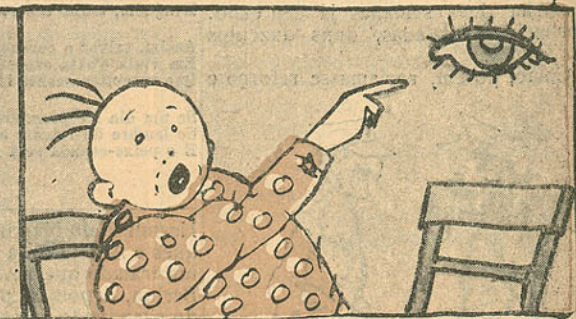
3.—Mas o Quim? Passam as horas e o mano sem sair do cano! Talvez apareça à meia noite, como o Crispiniano!



4.—Entretanto Manecas, vendo ao longe uma casa que se lhe afigurava sinistra, para lá se encaminha intrepidamente.



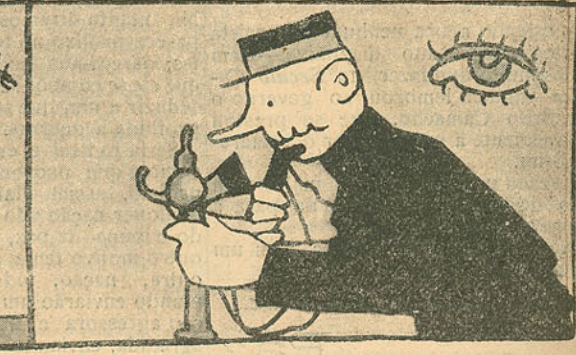
5.—Fala, ninguém lhe responde, olha não vê ninguém, de modo que se resolve a abrir a porta por um meto engenhoso que não dirá a ninguém.



6.—Entra, vê um signal desenhado na parede, e exclama, n'um rasgo de talento:  
—Olá! Um olho que parece vivo? Não ha duvida: aqui é a sede da quadrilha do Olho vivo!



7.—Vae ao telefone, pergunta se «Está lá», responde-lhe o Nariz de Lata e o Manecas diz-lhe:—Venha já à séde, se quer catraflilar o Manecas, que está cá.



8.—Não se imagina a surpresa do Nariz de Lata, que já se julgava livre da perseguição. Emfim, d'aquí a pouco deitará a mão ao endiabrado rapaz.  
Sair-lhe-ha o gado mosqueiro ou não sair-lhe-há? Ver-se-ha.

(CONTINUA)